

REPRESENTAÇÕES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1957-1969)¹

Ana Carolina Ebling Sigismondi Bauer², Norberto Dallabrida³.

¹ Vinculado ao projeto “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais (décadas de 1950 e 1960)”

² Acadêmica do Curso de Pedagogia a Distância – CEAD. Bolsista PIBIC/CNPQ

³ Orientador, Departamento de Pedagogia a Distância do CEAD – norbertodallabrida@udesc.br

Foi no contexto político de redemocratização que o Brasil passava em meados da década de 1940 que foram criados, pelo Ministério da Educação, os colégios de aplicação com espírito escolanovista. Ligados às universidades públicas, seu compromisso era de fornecer educação a adolescentes e de ser um espaço de formação pedagógica de licenciandos das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. A criação dos colégios de aplicação reflete a pretensão dos intelectuais da educação em criar e manter escolas públicas modelo e de qualidade que estariam comprometidas com a transformação da sociedade. Assim, o presente ensaio busca compreender as representações acerca da renovação pedagógica ocorrida no Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo (C.A.) de 1957 a 1969. O recorte temporal é devido a instituição de ensino ter sido criada em 1957, através de convênio entre a Secretaria de Estado de Negócios da Educação do estado de São Paulo e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) da USP. No âmbito da renovação pedagógica, segundo Maria de Lourdes Janotti, as classes experimentais tiveram início no ginásio do C.A. no ano de 1962 após a criação do Departamento de Educação da FFCL e da assinatura do 2º convênio. Outras tantas modificações surgiram ao longo dos anos de existência do colégio e, na celebração do 3º convênio, realizado em 1966, foi desencadeado uma profunda crise no C.A. que culminou com o seu fim em 1969. Este trabalho faz a releitura do Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo tomando por base três textos de autoras, apresentados em ordem cronológica de publicação. O primeiro texto tem como título “O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo” e tem como autora Miriam Jorge Warde. O segundo texto intitulado “O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo: anos 50 e 60”, de Maria Cecília Cortes Christiano de Souza e Maria de Lourdes Monaco Janotti. E o último texto, “A Comemoração das vanguardas pedagógicas do ensino secundário paulista da década de 1960: reconstruir o passado para moldar o futuro”, elaborado por Natália Frizzo de Almeida. Em todos os textos as autoras elaboraram suas representações acerca da experiência de renovação pedagógica que ocorreu durante a existência do C.A. A partir de uma investigação bibliográfica o estudo destaca aspectos que considera importante para compreender as representações do C.A. O conceito de representação utilizado toma por base os estudos empreendidos por Roger Chartier; apoiado nos estudos de Louis Marin, que é compreendido como “presentificação do ausente”, que sempre é construído a partir de indivíduos e de seus grupos sociais. A primeira parte do trabalho apresenta a análise de Miriam Warde sobre a renovação pedagógica no C.A. em três momentos históricos. Esses momentos históricos do C.A tratam respectivamente do período de instalação e organização do C.A e seu compromisso com a renovação dos métodos de ensino (1957 a 1961); da consolidação da renovação pedagógica onde ocorre importante reestruturações administrativas (1962 a 1966) e da crise à extinção do C.A (1967 a 1969). O texto Miriam Warde acredita que a crise foi agravada pela disputa de poder político e administrativo e pela influência ideológica que

circulava entre o C.A. e o Departamento de Educação no recrudescimento do regime militar. O segundo texto aborda a perspectiva da história oral através das memórias de ex-alunos e ex-professores da instituição. Escrito por Maria de Lourdes Janotti e Maria Cecília Souza, respectivamente ex-professora e ex-aluna do C.A., o texto contextualiza o período e defende que o ensino no C.A. possibilitou um conhecimento intelectual e cultural, colaborou na compreensão das injustiças sociais, e incutiu nos alunos o desejo de modificar a sociedade. Citam que devido a ideia equivocada de democracia, experiências de renovação educacional foram rejeitadas pela polarização existente entre defensores da qualidade versus defensores da quantidade, colocando a ditadura militar como o grande alvo para o encerramento das atividades do colégio. O terceiro texto traz uma reflexão que faz comparação de artigos e de memórias sobre essa recuperação e divulgação da experiência de renovação escolar. Natália Almeida faz um levantamento bibliográfico que pretende compreender os usos e abusos que as rememorações que se fazem no presente e busca compreender quais as motivações por trás da comemoração e rememoração de um projeto de ensino que durou poucos anos. Destaca que as sessões de comemoração se ancoram apenas no lado positivo das memórias e naquilo que se pretende dar visibilidade, porém os embates e as contradições são deixados em segundo plano. O estudo conclui que o Colégio de Aplicação da USP, com sua experiência de renovação pedagógica, marcou um período importante dentro do cenário da educação brasileira. Os três textos estudados trazem aspectos positivos em relação a renovação pedagógica e pontuam como essa experiência foi marcante e engrandecedora entre aqueles que lá tiveram oportunidade de estudar, marcando suas vidas e seu modo de pensar e ver o mundo. Outro aspecto muito evidente e fortemente apontado nos textos é sobre a crise interna no C.A., agravada por ideologias políticas divergentes entre os participantes do conselho administrativo e docentes do C.A. e pelo contexto histórico da ditadura militar vivenciado na época. O estudo, porém, percebe que é necessária uma contextualização mais densa sobre as práticas renovadoras de fato praticadas no C.A. para que esta possa ser utilizada como modelo para o sistema educacional atual.

Palavras-chave: Colégio de Aplicação. Renovação Pedagógica. Representação.